

METÁFORAS CONCEPTUAIS E INFLUÊNCIAS CULTURAIS EM PROVÉRBIOS DO SHIMAKONDE

Ronaldo Rodrigues de PAULA¹

Resumo: A Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 2003) situada dentre os estudos em linguística cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991) busca descrever certos mecanismos da cognição humana por meio da análise de construções metafóricas que estabelecemos inconscientemente para as mais variadas interações e situações do nosso dia-a-dia. A investigação deste tipo de construção pode revelar como as diferentes associações que fazemos entre os eventos de mundo e nosso entendimento da realidade são codificadas linguisticamente. Vários desenvolvimentos da Teoria da Metáfora Conceptual mostram que a interpretação de estímulos sensorio-motores e de contextos socioculturais peculiares (KÖVECSES, 2005, 2010; GIBBS & O'BRIEN, 1990, GIBBS, 1997; LAKOFF & JOHNSON, 1980, 2003) são de importância crucial para o entendimento da formação dos mais variados mapeamentos metafóricos. Desta forma, os provérbios podem ajudar na formação de uma imagem mais clara de como os contextos socioculturais influenciam o pensamento de um povo, dado que eles são exemplos bastante representativos das instâncias da sabedoria popular em determinada cultura. Tendo como norte os pressupostos teóricos da Teoria da Metáfora Conceptual, o objetivo deste artigo é analisar os mapeamentos metafóricos de dez provérbios do Shimakonde, uma língua do grupo Bantu, falada ao norte de Moçambique e partes da Tanzânia. Os provérbios foram coletados, traduzidos e contextualizados por um falante nativo da língua. Como resultado, vimos que parte dos provérbios analisados podem ter se formado a partir de esquemas imagéticos tidos como mais universais, derivando-se de metáforas primárias enquanto outros parecem ter se derivado de elementos socioculturais peculiares.

Palavras-chave: Teoria da Metáfora Conceptual; Provérbios; Shimakonde.

Abstract: Situated more broadly among the Cognitive studies in Linguistics (LANGACKER, 1987, 1991), the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 2003) aims to describe the mechanisms of human cognition by analyzing the metaphorical constructs that we built unconsciously for several common situations of our daily experiences. The investigation of this kind of construction can reveal how the different associations between world events and our understanding of reality are schematized linguistically. Many developments of the Theory show that the interpretation of sensory-motor stimuli and socio-cultural contexts (KÖVECSES, 2005, 2010, GIBBS & O'BRIEN, 1990, GIBBS, 1997, LAKOFF & JOHNSON 1980, 2003) are very relevant for the establishment of many metaphorical mappings. Thus sayings are of significant relevance to form a clearer picture of how the socio-cultural contexts influence the thinking of a people, since they are representative examples of popular knowledge. In this article I analyze metaphorical mappings of ten sayings in Shimakonde, a Bantu language spoken mostly in the northern part of Mozambique and Tanzania. The proverbs were collected, translated and contextualized by a native speaker. As a result, the analysis let us conclude that some of the collected sayings could have been formed from Primary Metaphors, which are believed to be more universal, while others seems to derive from more peculiar socio-cultural aspects.

keywords: Conceptual Metaphor Theory; Sayings; Shimakonde.

¹ Professor Substituto de Língua Portuguesa e Língua Inglesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) Campus Ponta Porã. Doutor em Linguística Teórica e Descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais. Email: ronaldorodriguesdepaula@gmail.com orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3251-8811>

Introdução

A Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 2003) situada dentre os estudos em linguística cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991) foi uma grande divisora de águas na linguística. Em conjunto com os estudos em prototipicidade (ROSH, 1978), ela foi uma abordagem que começou a abraçar, de forma irrestrita, os vínculos entre o conhecimento semântico e o conhecimento enciclopédico. Em linhas gerais, é uma abordagem que não tem preocupações em tentar distinguir semântica e pragmática, como era comum dos modelos linguísticos vigentes na época, mas toma o caminho oposto, tentando demonstrar que a distinção entre as duas é irrelevante, e, portanto, semântica e pragmática deveriam ser vistas dentro do contexto mais amplo da cognição.

A teoria da Metáfora Conceptual advoga que a metáfora e a metonímia são fenômenos cognitivos, que devem ser analisados através do mapeamento de domínios e que a semântica tem alicerces experienciais. Metáfora e Metonímia estariam profundamente relacionadas com a forma como pensamos e se manifestariam dentro e fora da língua de diferentes formas.

Tomando-se em questão toda a base experiencial da metáfora, muitos trabalhos na área buscam tentar identificar os diversos fatores que podem influenciar as formas de estruturação do nosso mapeamento metafórico em busca de esquemas universais. Tais esquemas seriam derivados diretamente da interpretação cognitiva de nossas experiências sensorio-motoras no processo de decodificação da realidade, e/ou da pluralidade de manifestações outras que se consolidariam através da imensa variedade das práticas culturais (GIBBS & O'BRIEN, 1990, GIBBS, 1997; KÖVECSSES 2005, 2010; GEERAERTS, 2010).

Devido a essa busca do entendimento das influências da organização do nosso mapeamento metafórico conceptual, analisar quais tipos de metáforas se manifestam no discurso comum e na sabedoria tradicional de cada povo e como elas se relacionam com suas experiências e sua cultura se torna uma tarefa frutífera. Uma das formas mais evidentes da manifestação espontânea dessa sabedoria popular se dá por meio dos mais variados tipos de provérbios e expressões idiomáticas presentes na tradição oral e este artigo, em específico, almeja fazer um trabalho de mapeamento metafórico e análise descritiva de 10 provérbios do Shimakonde. Eles foram fornecidos por um falante nativo da Província de Cabo Delgado, ao norte de Moçambique e serão dispostos a seguir. O Shimakonde, que pertence ao grupo linguístico Bantu, é falado na região norte de Moçambique e também no sudoeste da Tanzânia.

- | | | | | | |
|-----|--|---------------------|----------------|-----------------|----------------|
| (1) | <i>Nkono</i> | <i>umo</i> | <i>a</i> | <i>unabyaya</i> | <i>imboko.</i> |
| | Mão | uma | não | mata | piolho. |
| | “Uma mão não mata piolho.” | | | | |
| (2) | <i>Mya</i> | <i>avinawundwa.</i> | | | |
| | Os problemas | não apodrecem. | | | |
| | “Os problemas não apodrecem.” | | | | |
| (3) | <i>Mamana</i> | <i>ankulula</i> | <i>kummyaa</i> | <i>nmembo.</i> | |
| | A formiga | é capaz de | matar | o elefante. | |
| | “A formiga é capaz de matar o elefante.” | | | | |
| (4) | <i>Shilonda</i> | <i>shinmpwateka</i> | <i>munu</i> | <i>mwene.</i> | |
| | Ferida | dói a ele | pessoa | própria. | |
| | “Só o dono sente a dor da ferida.” | | | | |
| (5) | <i>Kupela</i> | <i>ni</i> | <i>kulala.</i> | | |
| | Morrer | é | dormir. | | |

- “Morrer é dormir.”
- (6) *Liduva* *lya* *kupela* *avanapyayila* *pang’ande*.
Dia de morrer não se varre na casa.
“No dia da morte não se arruma a casa pra ela.”
- (7) *Kula* *munu* *alyutila* *kwake* *inguwo* *yakuliinikila*.
Cada pessoa puxa para si para seu lado cobertor.
“Em tempo de frio cada um puxa o cobertor pra si.”
- (8) *Ndyoko* *akavele* *ishima* *ava*
Criança sem respeito é
kenga *shumbi* *ukakalala*.
como sal que não amarga.
“Uma criança sem respeito assemelha-se ao sal que não salga.”
- (9) *Unamingilidye* *nn’guku* *na* *shumbi* *mmakono*.
Não persigas a galinha com sal nas mãos.
“Não persigas a galinha com sal nas mãos.”
- (10) *Aunave* *kenga* *nnady* *upyayila* *kushu*
Não seja como coqueiro varre longe
aleka *pake* *panyatiyenge*.
deixa lugar sujo.
“Não seja como um coqueiro que varre longe e deixa seu lugar sujo.”

O povo Makonde se localiza ao sul do Lago Niassa, um dos Grandes Lagos Africanos, localizado entre o Malawi, a Tanzânia e Moçambique. Em relação a Moçambique, Rego (2012) caracteriza o país com um mosaico de povos, culturas, religiões, etnias e línguas, resultado da convivência de vários povos autóctones (como Khoi-Khoi e San) com a migração de vários povos, como Bantu, persas (árabo-suaílis), árabes, indianos, chineses, portugueses, ingleses, franceses, belgas etc. Um desses vários povos de origem Bantu de Moçambique é o povo Makonde. De acordo com Roseiro (2013), eles possuem uma cultura relativamente homogênea, reflexo da adaptação ao ambiente natural e bastante hermética devido à longa permanência nos planaltos. Os Makondes são um povo constituído em pequenos grupos familiares não conhecendo outra soberania que não a do chefe da povoação. Neste aspecto se diferem de outros povos africanos nos quais existe uma forte tradição de hierarquização tribal. A hipótese da origem ao sul do lago Niassa é reforçada pelas semelhanças culturais com o povo Chewa. Os rituais de puberdade que praticam são bastante peculiares e os distinguem de outros grupos vizinhos. Dessa forma, os Makondes atuais são resultado da miscigenação de diferentes povos que teriam empreendido o processo de migração ao longo do rio Lugenda até se fixarem nas adjacências do encontro desse rio com o rio Rovuma. Teorias divergentes respondem ao motivo de sua migração, que teria se dado por razões climáticas ou por refugiarem-se de confrontos com outros povos, uma vez que o planalto se mostrava uma fortaleza natural (ROSEIRO, 2013). De acordo com o Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (NGUNGA & FAQUIR, 2011, p. 35), em 2010 havia de cerca de 270 mil falantes de Shimakonde no país.

Este artigo está dividido em mais três seções: na seção 2, o referencial teórico deste artigo é apresentado, abordando pilares essenciais da Teoria da Metáfora Conceptual e desdobramentos importantes desta; na seção 3, a metodologia de coleta de dados é descrita em linhas gerais e os provérbios coletados do Shimakonde são apresentados e analisados tomando em conta o arcabouço teórico da Metáfora Conceptual; e, por fim, a seção 4, conclui este artigo.

Referencial Teórico

Antes de nos dedicar mais detalhadamente às Metáforas Conceptuais, nos voltamos brevemente para a abordagem linguística da qual este constructo teórico se insere, isto é, a Linguística Cognitiva. De acordo com Langacker (1987), três perspectivas são centrais para este constructo teórico:

1- A estrutura semântica não é universal; ela é linguagem-específica até certo nível. Além disso, a estrutura semântica é baseada em imagens convencionais e é caracterizada relativamente às estruturas de conhecimento.

2- A gramática (ou sintaxe) não constitui um nível formal autônomo de representação. No lugar disso, a gramática é simbólica por natureza, consistindo da simbolização convencional da estrutura semântica.

3- Não há distinção significativa entre a gramática e o léxico. Léxico, morfologia e sintaxe formam um contínuo de estruturas simbólicas que se diferem ao longo de vários parâmetros, mas que podem ser divididos em componentes separados apenas arbitrariamente. (LANGACKER, 1987, p. 3)²

Ainda de acordo com o autor, a gramática cognitiva reconhece a natureza simbólica da língua. Desta forma, as expressões linguísticas resultam das associações da representação semântica com a realização fonológica. Nesta abordagem, a língua é vista como parte da cognição humana, e, portanto, a postulação de um módulo separado para a faculdade da linguagem na mente não se faz necessário. Neste sentido, a língua se deriva de funções cognitivas mais gerais da mente em um fenômeno psicológico mais amplo. Visto como conceptualização, o significado é o alicerce no qual a língua é construída e é um fenômeno essencialmente cognitivo. A gramática é responsável por reunir o conteúdo semântico de suas partes significativas básicas, tais como morfemas em unidades significativas maiores e inerentemente simbólicas. Devido a sua natureza conceitual, uma análise prototípica do fenômeno linguístico é considerada preferencial no lugar dos julgamentos categoriais padrões vistos em outras correntes (LANGACKER, 1987).

Partindo do entendimento básico de que as unidades linguísticas são abstraídas de eventos de uso, Langacker (2001) esquematiza a íntima relação entre a gramática cognitiva e os padrões discursivos. Ele categoriza como **Fundo** o evento de fala propriamente dito, que abarca o falante, o ouvinte, sua interação e as circunstâncias imediatas em que a interação se desdobra. **O Espaço Discursivo Corrente** é um espaço abstrato na mente dos participantes do discurso que consiste de elementos e relações construídas na interação em um dado momento. Estes são os domínios cognitivos que formariam a **Base Conceitual** para o significado das unidades linguísticas. O que pode ser visto pela conceptualização esquemática expressa na Figura 1 a seguir.

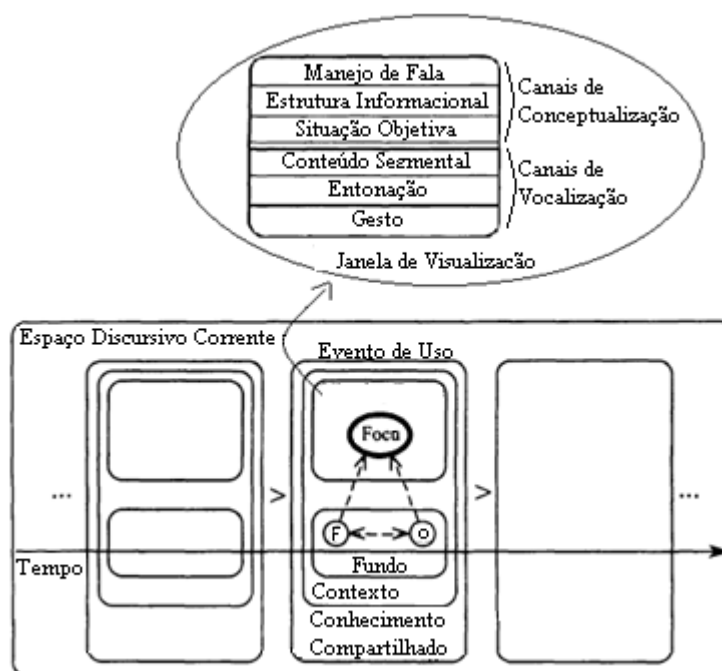
Figura 1 – Espaço Discursivo Corrente

² Do original:

1- Semantic structure is not universal; it is language-specific to a considerable degree. Further, semantic structure is based on conventional imagery and is characterized relative to knowledge structures.

2- Grammar (or syntax) does not constitute an autonomous formal level of representation. Instead, grammar is symbolic in nature, consisting in the conventional symbolization of semantic structure.

3- There is no meaningful distinction between grammar and lexicon. Lexicon, morphology, and syntax form a continuum of symbolic structures, which differ along various parameters but can be divided into separate components only arbitrarily. (LANGACKER, 1987, p. 3, tradução nossa.)



Fonte: Langacker (2001, p. 145-146, adaptado)

Este Espaço Discursivo Corrente inclui um corpo de conhecimento compartilhado ou acessível pelos participantes; O **Contexto** de fala inclui, de forma mais ampla, o plano de fundo físico, mental, social e cultural. O Fundo no centro do Contexto de fala engloba a faceta do mundo particular em que os participantes se encontram envolvidos. O falante (**F**) tem um papel iniciativo e o ouvinte (**O**) um papel responsivo, mas nenhum destes papéis é ativo ou reativo, uma vez que ambos ativamente lidam com conceptualização e vocalização. A ação deles direciona a atenção para a mesma entidade em um dado instante, uma vez que ambos estão “olhando” para a mesma **Janela de Visualização**. Ela é composta por muitos canais independentes, porém coordenados que lidam tanto com a conceptualização quanto com a vocalização. Algum elemento no escopo de sua Janela de Visualização momentânea é o seu **Foco** de atenção. Em relação à administração do fluxo de atenção no desenrolar do discurso, as janelas de atenção são marcadas por unidades de entonação como pausas, quebras de tempo, aceleração e desaceleração, mudanças de tom, etc. As estruturas linguísticas de certa língua são instruções para modificar ou adaptar o Espaço Discursivo Corrente a uma forma específica desejada. Todo o evento discursivo é uma série de quadros retratados na Figura 1, visualizados e atuados pelos participantes do discurso.

Feito este breve preambulo, voltemo-nos, então, para a Teoria da Metáfora Conceptual. Esta proposta, desenvolvida por Lakoff & Johnson (1980, 2003), entende a metáfora não apenas como um recurso estilístico no discurso, mas a concebe como profundamente interligada com as relações conceituais que fazemos da realidade, estando, portanto, diretamente relacionada com a arquitetura de nosso pensamento. A metáfora deve ser analisada, então, por meio de domínios conceituais distintos, um **Domínio Fonte** e um **Domínio Alvo**, de forma que entendemos os itens lexicais do Domínio Alvo, que são organizados em termos do Domínio Fonte. Lakoff & Johnson mostram como várias expressões corriqueiras do nosso dia a dia são essencialmente metafóricas. Além disso, os domínios presentes nessas expressões não são aleatórios. Tomemos, por exemplo, alguns tipos de expressões utilizadas em relacionamentos como eles apontam em sua obra:

Olhe o quão longe nós chegamos.
 Estamos em uma encruzilhada.
 Nós apenas temos que seguir caminhos diferentes.
 Nós não podemos voltar atrás agora.
 Eu não acho que essa relação vai a lugar algum.
 Onde estamos?
 Nós estamos presos.
 Tem sido uma longa estrada esburacada.
 Esta relação é um beco sem saída.
 Estamos apenas girando nossas rodas.
 Nosso casamento está sobre as rochas.
 Esta relação está afundando.³ (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 44-45)

Nesses exemplos é possível perceber um direcionamento das expressões para uma ideia de jornada ou viagem, sendo este, portanto, o que seria denominado de Domínio Fonte. O Domínio Alvo é relacionamento ou amor. Portanto o mapeamento dessas expressões pode ser colocado da seguinte forma: Amor (Domínio Alvo) é uma viagem (Domínio Fonte).

A grande variedade de expressões que podem ser decodificadas dentro deste mapeamento específico mostra uma sistematicidade nessa combinação. O que pode demonstrar um esquema subjacente recorrente na nossa forma conceituar essa e outras relações em nossa mente. Outro ponto de grande importância é que a relação inversa de domínios não é possível, o que apontaria para uma unilateralidade da metáfora. De acordo com Kövecses (2005), Os principais Domínios Fonte estão relacionados com o corpo humano, animais, plantas, alimentos e forças, enquanto que os principais Domínios Alvo são emoções, moralidade, pensamento, relações humanas e tempo. Para ele, isso demonstra uma tendência de se conceituar relações mais abstratas em termos de relações mais concretas e simples, vinculadas com nossas sensações corpóreas e experiências cotidianas.

Uma vez compreendido, em linhas gerais, o principal enfoque da teoria da Metáfora Conceptual, uma das buscas mais relevantes é a de determinar os fatores inerentes que são responsáveis por desencadear essa produção metafórica. Se a metáfora é um recurso utilizado na nossa forma de conceituação da realidade, entender a motivação de sua produção se faz relevante para se formar um quadro mais claro a respeito do pensamento e da cognição humana. Seriam as metáforas inteiramente baseadas em esquemas imagéticos derivados do nosso entendimento das percepções sensorio-

³ Do original:

Look *how far we've come*.

We're at *a crossroads*.

We'll just have to *go our separate ways*.

We can't *turn back now*.

I don't think this relationship is *going anywhere*.

Where are we?

We're *stuck*.

It's been *a long, bumpy road*.

This relationship is *a dead-end street*.

We're just *spinning our wheels*.

Our marriage is *on the rocks*.

This relationship is *foundering*. (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 44-45, tradução nossa.)

motoras? Qual é o papel dos diferentes desdobramentos culturais? Como essas coisas se inter-relacionam?

Gibbs e O'Brien (1990) apresentam um interessante estudo de caso sobre expressões idiomáticas da língua inglesa. Como argumentam neste trabalho, segundo a visão tradicional, expressões idiomáticas seriam bastante insidiosas, pois seu significado almejado não poderia ser desprendido composicionalmente, isto é, as relações sintagmáticas dos itens lexicais da expressão em si não são suficientes, para se retrair o sentido oculto intencionado. Acreditava-se que as expressões idiomáticas seriam fruto de metáforas mortas e há muito esquecidas, o que tornaria o resgate de as motivações que permearam essas expressões em sua origem uma tarefa muito complexa. Portanto, Gibbs e O'Brien tentaram determinar se o conhecimento do significado de tais expressões era arbitrariamente atribuído ou se este poderia estar de alguma maneira subjacentemente vinculado com Metáforas Conceptuais. Os linguistas organizaram um estudo baseado em testes com alunos voluntários da Universidade da Califórnia, Santa Cruz. Sua principal intenção foi que eles formassem imagens mentais de várias expressões idiomáticas que possuíam o mesmo sentido literal, como, por exemplo, *spill the beans*, *let the cat out of the bag*, *blow the lid off*, *blow the whistle*.⁴ Todas essas expressões tinham como intenção passar uma ideia de revelar um segredo. Este procedimento também foi adotado com outras expressões idiomáticas que apresentavam outros significados literais. Após a descrição detalhada da imagem mental formada, deveriam ser respondidas várias questões sobre essa imagem, como causas do evento, se houve intencionalidade, a maneira como a ação ocorreu, suas consequências e a possibilidade das ações serem revertidas. Os resultados das averiguações mostrou grande consistência entre as respostas, muito acima da margem estatística. A hipótese de trabalho neste artigo, que foi corroborada pelos resultados, era que o entendimento das pessoas sobre suas imagens mentais para expressões idiomáticas seria fortemente restringido pelos mapeamentos conceituais entre Domínio Fonte e Domínio Alvo. No caso das expressões idiomáticas citadas acima, essas Metáforas Conceptuais seriam A MENTE É UM CONTAINER e AS IDEIAS SÃO ENTIDADES FÍSICAS.

Outro conjunto de expressões idiomáticas analisado neste estudo era relativo à raiva, seguindo a mesma metodologia. Os resultados corroboraram com a visão de que a raiva, nestas expressões, derivava de duas Metáforas Conceptuais básicas; MENTE É UM CONTAINER e RAIVA É CALOR. Essas metáforas parecem ser derivadas de efeitos psicológicos da raiva como o aumento do calor corporal, pressão e agitação interior. Apesar de este estudo apontar para a base experiencial desta metáfora, isso não exclui outras possibilidades e influências. Geeraerts (2010) tenta demonstrar que as metáforas que representam raiva podem ter tido uma motivação diferente, para isso ele aponta algumas expressões comuns em vários idiomas, tais como:

Inglês *phlegmatic* 'Calmo, fresco, apático', francês *avoir un flegme imperturbable* 'ser imperturbável', holandês *valling* (dialeto) 'frio';
 Inglês *spleen* 'orgão filtrando o sangue; tristeza', francês *mélancolie* 'tristeza, morosidade', holandês *zwartgallig*, 'triste, deprimido' (literalmente 'de bili negra');
 Inglês *bilious* 'zangado, irascível', francês *colère* 'raiva', holandês *z'n gal spuwen* 'desabafar (literalmente 'cuspir para fora') a bília de alguém'

⁴ "Derramar os feijões, deixa o gato sair do saco, explodir a tampa, soprar o apito".

Inglês *full-blooded* 'vigoroso, cordial, sensual, francês *avoir du sang dans les veines* 'ter espírito, coragem', holandês *warmbloedig* 'impetuoso' (literalmente de sangue quente) (GEERAERTS, 2010, p. 251)⁵

Geeraerts (opus cit.) acredita que essas expressões estejam relacionadas com a Teoria dos Quatro Humores proposta por Hipócrates de Kos (460–370 bc). Essa teoria foi bastante influente na medicina por muitos séculos e ela associava sensações como raiva, melancolia, tranquilidade e otimismo à preponderância de um dos quatro líquidos corporais, a saber; bílis amarela, bílis negra, fleuma e sangue, respectivamente. Além disso, estes líquidos seriam responsáveis por controlar as funções vitais e seu desequilíbrio poderia causar várias doenças. Desta maneira, ele propõe que várias expressões como as citadas acima seriam social e culturalmente motivadas. Desta maneira, segundo ele, a Metáfora Conceptual proposta por Lakoff (1987) RAIVA É O CALOR DE UM LÍQUIDO EM UM CONTAINER, que recebia uma interpretação puramente fisiológica, deveria ser reanalisada em linhas históricas e culturais.

Vários trabalhos já exploraram as diferentes motivações culturais que podem influenciar diferentes mapeamentos; dentre eles, Kövecses (2010) atesta que na língua Zulu, a raiva é entendida como tida no coração. Matsuki (1995) analisa metáforas para raiva no idioma japonês. Em geral elas seriam relacionadas com o conceito de *hara* (barriga). Por sua vez, Yu (1998) aponta diferenças entre metáforas para felicidade usadas pelos chineses (ter flores no coração) e pelos estadunidenses (estar fora do chão), como reflexos do caráter introvertido dos primeiros em contraste com o caráter extrovertido dos últimos. Charteris-Black (2003) analisa usos figurativos de partes orais do corpo como boca, lábio e língua nas línguas inglesa e malaia e demonstra que pressões culturais e preferências estilísticas fazem com que esses usos sejam voltados para a metonímia na língua inglesa e para a metáfora, na língua malaia. Shore (1995) mostra como os esquemas imagéticos de frente-trás e centro-periferia para os samoanos são influenciados pela disposição espacial de suas vilas costeiras, com a frente das casas direcionadas para o mar e os fundos direcionados para uma estrada seguindo o litoral em direção à selva. Em geral, a frente para os samoanos significaria alto escalão, a autoridade social e restrita, a organização social, a autoridade dos chefes de aldeia e comportamento digno, visível publicamente, enquanto a parte de trás estaria associada à baixa hierarquia e comportamento impulsivo, sem sofisticação ou até antissocial. O padrão centro-periferia determina um escalão gradual de dignidade, ordem e formalidade, pois quanto mais ao centro mais reservado para os chefes da vila e para o sagrado.

Entendendo a relação dinâmica entre a experiência corpórea e elementos culturais, Gibbs & Steen (1997) atestam que:

Uma das implicações da “grande” ou “distribuída” visão da cognição é que mesmo esquemas de imagem que surgem a partir de experiências corpóreas

⁵ Do original: English *phlegmatic* 'calm, cool, apathetic', French *avoir un flegme imperturbable* 'to be imperturbable', Dutch *valling* (dialectal) 'cold'; English *spleen* 'organ filtering the blood; sadness', French *melancolie* 'sadness, moroseness', Dutch *zwartgallig* 'sad, depressed' (literally 'blackbilious'); English *bilious* 'angry, irascible', French *colere* 'anger', Dutch *z'n gal spuwen* 'to vent (literally 'to spit out') one's gall'; English *full-blooded* 'vigorous, hearty, sensual', French *avoir du sang dans les veines* 'to have spirit, pluck', Dutch *warmbloedig* 'passionate' (literally 'warm-blooded'). (GEERAERTS, 2010, p. 251, tradução nossa.)

recorrentes, e que muitas vezes servem como os domínios de origem para Metáforas Conceptuais, poderiam, muito bem, ter um forte componente cultural, especialmente em termos de quais aspectos da experiência corporificada são vistos como particularmente relevantes e significativos na vida das pessoas. ⁶ (GIBBS E STEEN, 1997, P. 154)

Kövecses (2005) enumera várias proposições sobre os elementos que caracterizam as metáforas potencialmente universais e outras que são suscetíveis a variações de cultura para cultura ou mesmo dentro de uma mesma cultura. Uma dessas proposições é que a metáfora seria inevitavelmente conceptual, linguística, neurocorporal e sociocultural ao mesmo tempo.

Lakoff & Johnson (2003) com colaboração dos trabalhos de Grady (1997), Johnson (1987) e Narayanan (1997) propõem que existiriam metáforas primárias, diretamente derivadas de nossas percepções sensorio-motoras e metáforas complexas, construídas a partir de metáforas primárias, influenciadas pelos mais variados elementos socioculturais:

(...) Devido aos mapas metafóricos fazerem parte de nosso cérebro, vamos pensar e falar metaforicamente querendo ou não. Uma vez que o mecanismo da metáfora é, em grande parte inconsciente, vamos pensar e falar metaforicamente conscientes disso ou não. Além disso, como nossos cérebros são incorporados, nossas metáforas irão refletir nossas experiências comuns do mundo. Inevitavelmente, muitas metáforas primárias são universais porque todo mundo tem, basicamente, os mesmos tipos de corpos e cérebros e vivem basicamente nos mesmos tipos de ambientes, portanto os aspectos relevantes para a metáfora estão em causa.

As metáforas complexas que são compostas de metáforas primárias e que fazem uso de quadros conceituais baseados culturalmente são outra questão. Porque eles fazem uso de informação cultural, eles podem diferir significativamente de cultura para cultura. ⁷ (LAKOFF E JOHNSON, 2003, P. 257)

Como vimos em toda essa discussão que não é uma tarefa corriqueira delinear exatamente se metáforas são inteiramente influenciadas por nossas experiências sensorio-motoras ou se carregam vieses meramente culturais, ou se elas são misturas destes dois fatores fundamentais. A próxima seção busca analisar os elementos preponderantes na

⁶ Do original: One implication of the “wide” or “distributed” view of cognition is that even image schemas, which arise from recurring embodied experiences, and which often serve as the source domains for conceptual metaphors, might very well have a strong cultural component to them, especially in terms of which aspects of embodied experience are viewed as particularly salient and meaningful in people's lives. (GIBBS E STEEN, 1997, p. 154, tradução nossa.)

⁷ Do original:

(...)Because metaphorical maps are part of our brains, we will think and speak metaphorically whether we want to or not. Since the mechanism of metaphor is largely unconscious, we will think and speak metaphorically, whether we know it or not. Further, since our brains are embodied, our metaphors will reflect our commonplace experiences in the world. Inevitably, many primary metaphors are universal because everybody has basically the same kinds of bodies and brains and lives in basically the same kinds of environments, so far as the features relevant to metaphor are concerned.

The complex metaphors that are composed of primary metaphors and that make use of culturally based conceptual frames are another matter. Because they make use of cultural information, they may differ significantly from culture to culture. (LAKOFF E JOHNSON, 2003, p. 257. Tradução nossa.)

produção metafórica que se faz presente em dez provérbios coletados do Shimakonde, no intuito de delinear os principais fatores culturais e experienciais envolvidos.

Metodologia e análise de dados

Os provérbios foram coletados por um falante nativo⁸ do Shimakonde. Também por intermédio dele, os provérbios foram traduzidos para português e devidamente contextualizados em relação a situações e circunstâncias em que eles são mais comumente utilizados dentro da cultura e tradições de seu povo.

Desta maneira, os dez provérbios que aparecem no escopo deste artigo, já apresentados na introdução deste trabalho, foram escolhidos por apresentar mapeamento metafórico. Eles serão repetidos a seguir e analisados:

- (11) *Nkono umo a unabyaya imboko.*
 Mão uma não mata piolho.
 “Uma mão não mata piolho.”

O provérbio *nkono umo a unabyaya imboko* é usado como crítica a pessoas que são egoístas. Ele também funciona como um incentivo à cooperação para se resolver situações de várias naturezas e para afirmar e enfatizar que existem tarefas e problemas que só podem ser sanados caso se utilize trabalho em conjunto. O ato de matar um piolho, de fato, demanda que as duas mãos sejam usadas, pois a ação só é desencadeada com sucesso por meio da pressão exercida pelos dois polegares. A ação física de matar um piolho é, portanto, de base puramente experiencial. Apesar da ação de cunho negativo expressa pelo verbo matar, a sentença toda é decodificada no sentido de se eliminar um problema ou incômodo, sendo metaforicamente transpostos para outras situações corriqueiras, mesmo em circunstâncias em que o esforço cooperativo é de cunho apenas intelectual. O provérbio em questão pode ser uma forma criativa, sofisticada e remodelada culturalmente da Metáfora Primária proposta por Lakoff & Johnson (1980, 2003) PROBLEMAS SÃO OBSTÁCULOS FÍSICOS. No presente caso, temos um problema ou obstáculo como uma entidade viva (piolho) e a formulação gira em torno da forma correta de remover este obstáculo (matar a entidade viva), isto é, por meio do esforço cooperativo (pelo uso das duas mãos).

- (12) *Mya avinawundwa.*
 Os problemas não apodrecem.
 “Os problemas não apodrecem.”

O provérbio *Mya avinawundwa* é um belo lembrete de que os problemas não se resolvem sozinhos. A atuação do indivíduo é determinante para que a situação seja resolvida, independentemente das causas que a originaram. Como no exemplo do provérbio anterior, podemos propor que o provérbio aqui analisado seja derivado da Metáfora Primária PROBLEMAS SÃO OBSTÁCULOS FÍSICOS. Novamente temos problemas decodificados como entidades vivas, determinados pelo verbo apodrecer que

⁸ Gostaria de agradecer encarecidamente a Lucas Bonga, na época (2014) ainda graduando da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane – UEM de Maputo, Moçambique e participante do “Projeto de Descrição e Documentação das línguas Moçambicanas” (CAPES/AULP), parceria entre a referida Universidade com a UFMG. Sem sua valorosa contribuição e parceria, este trabalho não teria sido realizável.

está intrinsecamente vinculado à morte. Desta forma, podemos entender que os obstáculos físicos / problemas (vistos como entidades vivas) não se movem do caminho / são eliminados por si mesmos (morrem).

- (13) *Mamana ankulula kummyaa nnembo.*
 A formiga é capaz de matar o elefante.
 “A formiga é capaz de matar o elefante.”

O provérbio *Mamana ankulula kummyaa nnembo* geralmente é dito para encorajar pessoas mais novas a realizar tarefas difíceis. Um ótimo exemplo de situação apropriada para a utilização desse provérbio diz respeito à realização das tarefas que devem ser desempenhadas pelos jovens que no rito de iniciação da puberdade. Basicamente, todas as crianças desta etnia, ao atingir determinada idade, devem passar por este rito de iniciação. Uma das funções básicas do rito é receber as instruções para se entender os costumes e a forma de como se portar adequadamente na sociedade Makonde. Nas palavras de Roseiro:

Os rituais de iniciação, mais do que uma cerimônia, são o marco mais importante da vida do Makonde. Constituem um período de provação e promoção, em que o iniciado passa a ser um elemento válido na comunidade. Só depois de integrado, será mais uma peça pertencente ao corpo e espírito da aldeia. Trata-se de uma lei imutável, que ninguém discute e todos respeitam, não devendo ser profanada, nem sequer pela inconfidência, para com os estranhos aos clãs. (ROSEIRO. 2013. P.65)

O enfoque na comparação entre formigas e elefantes está basicamente arquitetado na grande diferença de tamanho entre os seres. Apesar da organização e cooperação das formigas poder sugerir que o enfoque está no esforço organizado e colaborativo, este não é o foco pretendido. Mais uma vez percebemos um mapeamento que pode ter se originado na Metáfora Primária PROBLEMAS SÃO OBSTÁCULOS FÍSICOS. Os mapeamentos feitos anteriormente são pertinentes aqui, uma vez que o problema ou obstáculo é tido como uma entidade viva (elefante) que precisa ser eliminado ou removido (morto) e a formiga, um ser incomparavelmente menor, seria capaz de fazê-lo, de acordo com a sabedoria expressa neste provérbio. Curiosamente, é possível que esse provérbio possa ter alguma base experiencial, como podemos deduzir a partir de um artigo publicado na revista *The Scientist* em 2010: “Formigas conhecidas por defender certas espécies de árvores de acácia da predação de elefantes detêm os maciços herbívoros de forma tão eficaz que eles estão impactando ecossistemas inteiros de savanas, de acordo com um estudo publicado online hoje (02 de setembro) em *Current Biology*.”⁹ (AKST, 2010, acesso em: 04 de Junho de 2014)

- (14) *Shilonda shinmpwateka munu mwene.*
 Ferida dói a ele pessoa própria.
 “Só o dono sente a dor da ferida.”

O provérbio *Shilonda shinmpwateka munu mwene* é utilizado para reforçar que apenas quem passa por alguma situação específica ou problema sabe determiná-lo, ou

⁹ Do original: “Ants known to defend certain species of Acacia trees from elephant predation deter the massive herbivores so effectively that they are impacting entire savanna ecosystems, according to a study published online today (2nd September) in *Current Biology*.” (AKST, 2010, acesso em: 04 de Junho de 2014, tradução nossa.)

mensurá-lo de forma adequada e tem o conhecimento de como este problema o afeta particularmente. Este provérbio provavelmente também é derivado da Metáfora Primária, PROBLEMAS SÃO OBSTÁCULOS FÍSICOS, porém o enfoque está nas consequências e na base experiencial de quem precisa eliminar o problema / remover os obstáculos.

Vimos até aqui que os provérbios analisados são Metáforas Complexas que aparentemente se derivam da Metáfora Primária PROBLEMAS SÃO OBSTÁCULOS FÍSICOS. Cada um deles reconfigurou essa metáfora por uma perspectiva sociocultural diferente; (11) coloca em questão de como a relação estabelecida na Metáfora Primária pode ser mais bem enfrentada por meio do esforço colaborativo, (12) aborda a necessidade da atuação determinante e intencional perante essa relação, (13) relativiza as dimensões aparentes da relação, (14) enfatiza a importância da experiência subjetiva para determinar o "tamanho" ou "peso" expresso na relação. Os próximos provérbios apresentam outros mapeamentos metafóricos.

- (15) *Kupela ni kulala.*
Morrer é dormir.
“Morrer é dormir.”

A primeira impressão deste provérbio leva a entender que se trata de apenas um eufemismo para a morte. No entanto, os Makondes acreditam de fato que quando uma pessoa morre, ela continua existindo de forma imaterial como um espírito e não se distancia da comunidade, de tal sorte que os espíritos dos antepassados estariam presentes na comunidade e poderiam prestar auxílio aos vivos de acordo com as capacidades e talentos que tinham em vida. Assim, esse provérbio parece ter bases profundamente culturais. O depoimento presente no seguinte trecho da obra de Roseiro mostra um pouco deste entendimento:

Falando com alguns “velhos” encontrou-se serenidade nas reflexões sobre a sua última etapa. “...É uma coisa natural, saio, deixo filhos e netos, portanto não morro, o meu sangue continua...”, conforme disse um velho Makonde ouvido no Maputo que acrescenta: “... Sou respeitado pelos filhos e os filhos deles, todas as histórias e coisa que aprendi muitas deixei-as em Mueda, onde desejo voltar para morrer na minha terra junto dos espíritos dos meus antepassados...” (ROSEIRO. 2013. p. 121)

Todavia, o provérbio *Kupela ni kulala* pode estar relacionado com a Metáfora Primária A VIDA É UMA JORNADA (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 2003). A morte sendo então decodificada como uma pausa de descanso nessa jornada.

- (16) *Liduva lya kupela avanapyayila pang'ande.*
Dia de morrer não se varre na casa.
“No dia da morte não se arruma a casa pra ela.”

O provérbio passa a ideia de que não é possível se preparar para a morte. Ele expõe o hábito de se limpar e arrumar a casa para visitas. Morte então é personalizada sendo representada como uma visita que está para chegar.

Este provérbio parece estar conectado com a Metáfora Primária MORTE É PARTIDA (LAKOFF & TURNER, 1989), porém oferece uma importante reconfiguração dessa ideia. Neste provérbio, a morte é um agente personificado que nos vem visitar. Ela, portando, não seria partida, mas a chegada. Entretanto, pode ainda se argumentar que

intuitivamente entendemos que a morte no provérbio, poderia exercer a função de vir buscar a pessoa para levá-la, implicando ainda numa ideia de nova partida ou viagem.

- (17) *Kula munu alyutila kwake*
 Cada pessoa puxa para si
Inguwo yakuliinikila.
 para seu lado roupa para cobrir.
 “Em tempo de frio cada um puxa o cobertor pra si.”

Este provérbio é usado para demonstrar a tendência egoísta do ser humano. Para se entender melhor a origem da expressão alguns detalhes da organização familiar dos Makondes se fazem necessários. Antes do rito de iniciação, que acontece por volta dos onze anos de idade, meninos e meninas podem circular tranquilamente nos quartos uns dos outros e dos pais. Porém, após o rito, meninos não podem mais circular nos quartos das meninas e vice-versa e tampouco no quarto dos pais. Assim, os jovens do mesmo sexo, dormiam todos juntos no mesmo quarto e por vezes mais de um em uma mesma cama. Culturalmente era proibido perturbar os pais no quarto deles, para pedir mais uma *yakuliinikila* (espécie de cobertor) no tempo de frio, caso os que eles dividissem fossem insuficientes para cobrir todos em uma mesma cama. Mais uma vez, vemos uma experiência cotidiana servindo com base metafórica para várias outras situações. O provérbio é usado para diferentes situações no intuito de destacar a tendência do indivíduo procurar resolver um problema apenas para si em detrimento da situação outros.

Destarte, *Kula munu alyutila kwake inguwo yakuliinikila* parece se relacionar com fatores puramente socioculturais, de forma que sua ligação com outras metáforas subjacentes não é clara.

- (18) *Ndyoko akavele ishima ava kenga shumbi ukakalala.*
 Criança sem respeito é como sal que não amarga.
 “Uma criança sem respeito assemelha-se ao sal que não salga.”

A sociedade makonde apresenta um valor cultural muito forte: O respeito a todos os mais velhos, não apenas aos pais. Roseiro pontua que:

Entre os Makonde, a velhice é considerada como biblioteca. O nan'golo é sempre a pessoa mais respeitada, sabe tudo, tem mais experiência, tem mais poder. Apesar de o Makonde trabalhar até muito tarde, chega logicamente um tempo, em que a velhice acaba por vencer e o homem idoso deixa de poder trabalhar. É de assinalar que entre esta gente, os velhos não são considerados um fardo, longe disso, as suas opiniões são sempre pedidas e respeitadas. (ROSEIRO. 2013. P.120)

(...)

“De velho se torna a menino” ou “velhice, segunda meninice”. Pode-se considerar que este ditado se enquadra nas referências aos rituais de iniciação, simbolicamente temos o Princípio e o Fim, o rito de passagem, a ascensão à sabedoria, o caminho para nova dimensão da vida, o encontro com o espírito dos antepassados. Neste contexto, a subordinação dos jovens aos velhos é um elemento essencial da organização social: tornar-se ancião é um processo complexo que exige a passagem através de vários graus de idade. (ROSEIRO. 2013. p.120-122)

Até o rito de iniciação é perdoável que uma criança ainda seja desleixada no seu tratamento com os mais velhos, uma vez que o rito tem justamente a função de ensinar como se portar na comunidade. Mas uma pessoa sem respeito aos mais velhos não é mais

tolerável após o rito. A criança é considerada imprestável ou descartável, e não é bem vista na sociedade. O mapeamento metafórico que se pode desprender é que criança sem respeito é inútil, da mesma forma que o sal que não presta para sua função essencial. A exemplo do provérbio analisado anteriormente, *ndyoko akavele ishima ava kenga shumbi ukakalala* não parece ser derivado claramente de uma outra metáfora subjacente, mas também possui bases experienciais vinculadas ao domínio da culinária.

- (19) *Unammingilidye nn'guku na shumbi mmakono.*
 Não persigas a galinha com sal nas mãos.
 “Não persigas a galinha com sal nas mãos.”

Não conte com algo que não se sabe se vai obter. Essa ideia é expressa no provérbio se entendermos a relação no domínio da culinária. Sal é usado para temperar a galinha quando ela está sendo preparada para alguma refeição, porém, para tanto, é necessário que a galinha seja não só capturada, mas que sejam feitos todos os preparativos para que ela esteja apta ao consumo. Desta maneira, o que já se tem, é expresso por *mmakono*, “sal” enquanto *nn'guku* “galinha” é o que se almeja obter. A expressão toda mostra uma inversão da ordem esperada dos eventos. Desta maneira, *Unammingilidye nn'guku na shumbi mmakono*, demonstra a falta de coerência de se preparar ou contar com algo sem ter certeza que os fatores que vão tornar este evento factível ou exequível irão ocorrer.

- (20) *Aunave kenga nnady upyayila kushu*
 Não seja como coqueiro varre longe
aleka pake panyatiyenge.
 deixa lugar sujo.
 “Não seja como um coqueiro que varre longe e deixa o seu lugar sujo.”

Este provérbio é muito usado para pessoas que se mudam e não querem mais voltar para sua terra natal. Os Makondes foram o povo que mais se rebelou contra a colonização, se mostrando líderes no campo de batalha e são profundamente ligados à sua terra. Este envolvimento com as origens pode ser claramente visto em outro provérbio, sem mapeamento metafórico: *Shakwawo ni shakwao, aunayiludyange shakwawo* “A tua terra é tua terra não despreze o que é da tua terra”. Além disso, muitos dos Makondes mais velhos entendem o português, mas recusam a se comunicar nesta língua. *Aunave kenga nnady upyayila kushu aleka pake panyatiyenge* permite vários mapeamentos. Primeiro tem se o coqueiro que “varre”. Esta imagem é projetada a partir da movimentação das folhas do mesmo quando ele se dobra pela ação do vento. Devido a sua envergadura, ele sempre “varrerá” longe, deixando sujas suas raízes. Quando um Makonde vai receber uma visita em casa, este também varre e a deixa arrumada. Portanto, varrer tem uma conotação importante e pode-se entender essa atividade como necessária para dar um tratamento adequado a um visitante. O provérbio, então, ressalta o valor de se tratar bem suas origens.

Diferentemente dos demais provérbios, (17) (18) (19) e (20) não são claramente associados a uma Metáfora Primária, porém todos partem de base experiencial utilizada para descrever algum fator bastante relevante ou saliente culturalmente.

Considerações Finais

Apesar da tarefa de desvendar a motivação metafórica presente em provérbios e expressões idiomáticas em geral não ser uma tarefa fácil e livre de controvérsias, é possível fazer algumas considerações importantes. Podemos observar que os provérbios analisados partiram de uma base experiencial. Boa parte deles parece estar relacionada a esquemas subjacentes bastante difundidos entre as culturas, com grande potencialidade de serem universais como PROBLEMAS SÃO OBSTÁCULOS FÍSICOS e A VIDA É UMA VIAGEM, porém outros parecem ser relações puramente baseados em relações socioculturais.

Em suma, podemos dizer que o contexto sociocultural tem uma enorme influência na formação de novos mapeamentos metafóricos, seja nas experiências sensorio-motoras mais elementares, bem como nas mais variadas relações que são estabelecidas em nosso convívio com outras pessoas e o meio em que vivemos.

Referências

- AKST, J. *Ants save trees from elephants*. The Scientist. 2010. Disponível em: <<http://www.the-scientist.com/?articles.view/articleNo/29239/title/Ants-save-trees-from-elephants>> Acesso em: 04 Jun. 2014.
- CHARTERIS-BLACK, J. Speaking with forked tongue: a comparative study of metaphor and metonymy in English and Malay phraseology. **Metaphor and Symbol**, n. 18, v. 4, 2003.
- GEERAERTS, D. **Theories of Lexical Semantics**. New York: Oxford University Press, 2010.
- GIBBS, R. W. J. & O'BRIEN, J.E. Idioms and mental imagery: The metaphorical motivation for idiomatic meaning. **Cognition**, 36: 1990.
- GIBBS, R. W. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural *world*. In: GIBBS, R. W.; STEEN, G. (Eds.). **Metaphor in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- GRADY, J. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. University of California, Berkeley: Ph.D. Dissertation. 1997.
- JOHNSON, M. **The body in. the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago: University of Chicago Press. 1987.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor in Culture: Universality and Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor: A Practical Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago. The University of Chicago Press, 2003.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago. The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G. & TURNER, M. **More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar. Vol 1: Theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar. Vol 2: Descriptive Application**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

- LANGACKER, R. Topic, Subject, and Possessor. In: SIMONSEN, H. & ENDRESEN, R. (eds.). **A Cognitive Approach to the Verb: Morphological and Constructional Perspectives**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 11-48.
- MATSUKI, K. Metaphors of anger in Japanese. In TAYLOR, J. R. & MACLAURY R. (Eds.), **Language and the cognitive construal of the world** (pp. 137–151). Berlin: Mouton de Gruyter. 1995.
- NARAYANAN, S. **KARMA: Knowledge-based Action Representations for Metaphor and Aspect**. Ph.D. Dissertation, Dept. Of Computer Science, University of California, Berkeley, 1997.
- NGUNGA, A.; FAQUIR, O. G. **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do 3º seminário**. Maputo, CEA/ UEM, 2011.
- REGO, S. V. **Descrição Sistémico-Funcional da Gramática Do Modo Oracional Das Orações Em Nyungwe**. Lisboa. Universidade de Lisboa. Doutorado. Tese. 2012.
- ROSEIRO, A. H. R. **Símbolos e práticas culturais dos Makonde**. Coimbra. Universidade de Coimbra. Doutorado. Tese. 2013
- ROSCH, E. **Principles of categorization**. In Eleanor Rosch and Barbara B. Lloyd (eds.), *Cognition and Categorization*, 27–48. Hillsdale, NJ: Erlbaum. 1978.
- SHORE, B. **Culture in Mind: Cognition, Culture, and the Problem of Meaning**. New York: Oxford University Press. 1995.
- YU, N. **The contemporary theory of metaphor. A perspective from Chinese**. Amsterdam: John Benjamins. 1998.

Submetido em: 30 de setembro de 2020

Aprovado em: 07 de dezembro de 2020